

PARADIGMA ECOLÓGICO E ÉTICA NO PENSAMENTO DE LEONARDO BOFF

Rodrigo Marcos de Jesus (FAJE)

29/06/2007

Os impactantes relatórios do IPCC (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas) sobre mudanças climáticas e aquecimento global divulgados recentemente e ainda em processo de discussão pelo mundo tem colocado em pauta na agenda dos países as relações entre impactos ambientais e atividade humana. À exceção de Estados Unidos e China, que ainda relutam em reconhecer o estado de calamidade a que chegou a agressão humana contra a natureza, há um consenso generalizado sobre os enormes riscos pelos quais passam a espécie humana e a Terra.

Pode-se expressar a gravidade da crise com esta conhecida frase de Leonardo Boff: “Ou todos nos salvamos. Ou todos pereceremos”. Alternativas parciais não são mais suficientes para solução do problema, que é global. Urge um consenso mínimo para o enfrentamento dessa crise planetária.

Dessa forma, a questão ecológica não pode ser pensada somente como um problema técnico envolvendo a criação de novas tecnologias menos poluentes. Está em jogo nos debates atuais não apenas a diminuição da emissão de CO² na atmosfera ou o controle do desmatamento da floresta amazônica mas, principalmente, o questionamento com relação ao nosso modo de estar e atuar no mundo. Dito claramente, a crise ecológica exige uma reflexão sobre a ética. Pensar o agravamento das condições naturais de existência coloca em xeque o *ethos* sobre o qual se constituiu a civilização ocidental.

Diante desse cenário queremos neste trabalho apresentar a perspectiva teórica desenvolvida por L. Boff. Este pensador tem se destacado nos últimos anos pela sua produção intelectual e por seu engajamento em prol da ecologia e contra a exclusão social, principalmente das populações dos países do Sul. Analisaremos um ponto específico de seu pensamento, qual seja: o novo *ethos* inspirado no paradigma ecológico. Para isso, faremos uma breve exposição dos paradigmas moderno e ecológico, contrapondo-os. Após delinear o novo paradigma, caracterizaremos a ética que lhe corresponde. Nesse ponto, daremos especial importância à relação que o

autor estabelece entre ecologia e pobreza, degradação ambiental e exclusão social. Uma conclusão retomará os principais pontos deste estudo.

1. O que significa a crise ecológica?

Normalmente quando pensamos em crise imediatamente surge à mente a idéia de destruição. E ao ouvirmos ecologia logo atrelamos o termo à temática ambiental. Desse modo a expressão crise ecológica parece significar unicamente a destruição da natureza, entendida como meio ambiente. Essas concepções são verdadeiras, mas parciais. Com efeito, em L. Boff *crise e ecologia* revestem um campo de significação mais amplo. Nem crise se equivale à destrutividade. Nem ecologia se reduz às questões ambientais. Para compreendermos a relação entre ecologia e ética no pensamento boffiano devemos primeiramente definir os conceitos, pois as palavras *ecologia* e *crise* possuem conotações específicas.

Crise engloba simultaneamente dois aspectos, um destrutivo e outro criativo. No primeiro, crise significa “uma descontinuidade e uma perturbação dentro da normalidade da vida provocada pelo esgotamento das possibilidades de crescimento de um arranjo existencial [individual, coletivo, etc.]” (BOFF, 2002, p. 25). O segundo, encontramos-lo na etimologia da palavra. Originária do sânscrito *kri* ou *kir*, *crise* tem o sentido de “desembaraçar” (*scatter, scattering*), “purificar” (*pouring out*), “limpar”, em português temos acrisolar e crisol (elemento químico usado para retirar as impurezas do ouro). Do grego (*krisis, krínein*), temos o sentido de decisão, juízo. Considerando a dupla significação do termo *crise*, desarranjo e desembaraçamento, esgotamento e decisão, o conceito de crise se amplia para além do sentido comum de desmoronamento de uma dada situação. Na verdade, a crise desvela possibilidades encobertas num contexto pré-crise, é o desenrolar de potencialidades latentes de uma determinada estrutura que não consegue mais responder às questões colocadas por uma dada realidade. Esclarecido o conceito de *crise*, passemos ao de *ecologia*.

“A ecologia é mais que uma técnica de gerenciamento de recursos escassos. É antes uma arte e um novo padrão de relacionamento para com a natureza, fazendo com que atendamos de forma suficiente às nossas demandas, sem sacrificar o sistema-Terra, em consideração, também, às gerações futuras” (BOFF, 2004, p. 11).

Mais que “técnica para gerenciar recursos” a ecologia estuda a relação, interação e dialogação entre seres naturais e culturais e sublinha a rede de interdependência

vigente de tudo com tudo. Desde as partículas físico-químicas elementares até os seres vivos mais complexos. Desde a matéria inorgânica até os sistemas político-sócio-culturais. Tudo está “tecido junto” (*complexus*, complexo), numa gama de interdependência e inter-ação. Sendo assim, a ecologia não pode ser reduzida a um campo específico de uma ciência. Ela é antes uma nova forma de viver, de analisar e de buscar soluções para determinadas realidades e problemas.

Este conceito mais amplo de *ecologia* difere daquele comumente divulgado pela grande mídia e presente em nossas mentes. Leonardo distingue esquematicamente quatro formas principais de realização da ecologia na contemporaneidade. A primeira e mais difundida é a ecologia ambiental. Esta diz respeito à relação entre ser humano e meio natural, preocupa-se com questões relativas à agressão ambiental, tais como desmatamento, aquecimento atmosférico, preservação da fauna e flora nativas. Uma segunda é a ecologia social, também conhecida como socioambientalismo, que trata das interações entre sistemas socioeconômicos e meio ambiente. Considera a existência de um vínculo inseparável entre problemas sociais e degradação ambiental. Temas como acesso aos recursos naturais de populações pobres, aquecimento global e fome nos países subdesenvolvidos, fazem parte das discussões travadas por essa vertente. A terceira forma é a ecologia mental. Nela estão envolvidas as representações interiores, mentais e como tais símbolos, energias psíquicas, arquétipos e padrões de comportamento influenciam na nossa relação com a natureza. A ecologia profunda é a quarta vertente ecológica, incorporando a contribuição das outras três, apresentando uma perspectiva holística e de totalidade, busca discernir a questão de fundo presente na crise ecológica: o *horizonte de sentido*.

Aqui não detalharemos as realizações da ecologia elencadas acima. Este não é nosso objetivo. Apenas as enumeramos para melhor compreensão do sentido dado por Boff à ecologia.

Agora estamos em condições de saber o que significa *crise ecológica* no pensamento do autor estudado. Se ecologia não diz respeito somente à temática ambiental mas se amplia para a percepção das implicações e interações epistemológicas, éticas, econômicas, políticas e espirituais envolvidas nas relações entre seres humanos e entre estes e a natureza, então ela diz da totalidade da vida. E se, por outro lado, a crise fala do esgotamento de um arranjo existencial, podemos concluir, com Boff, que a crise ecológica coloca em evidência uma crise maior: uma *crise paradigmática*. A crise do

paradigma ocidental: afinal, é sob a influência dele que se desenvolveu e eclodiu a crise ecológica. Caracterizemo-lo.

2. Quais as características do paradigma ocidental-dominante (moderno)?

Antes de delinear em traços gerais o paradigma ocidental-dominante, convém apresentar o conceito de *paradigma* do qual parte L. Boff. Para ele, paradigma é “uma maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos com nós mesmos e com tudo o resto à nossa volta. Trata-se de modelos e padrões de apreciação, de explicação e de ação sobre a realidade circundante” (BOFF, 1999, p.27).

Ora, o paradigma, por assim dizer, molda nosso olhar, direciona nossa ação e institui sentido. Sob essa tríade caracterizaremos o paradigma ocidental-dominante.

Leonardo vê no paradigma vigente três desvios básicos, a saber: a) reducionismo da concepção de ser humano; b) recalque do feminino¹; c) desrespeito à alteridade e à natureza. Tais desvios teriam dado origem, respectivamente, à compreensão do ser humano como unicamente um ser de necessidade, à exacerbação do poder e à falta de cuidado e à dominação e exploração da natureza e dos seres humanos. Vejamos quais elementos sustentam estes desvios. Descrevamos a lógica e a concepção cosmológica, a ética implicada e o sentido orientador.

A ciência clássica (Descartes, Galileu, Newton) pauta-se pelo paradigma da redução, da simplificação, da lógica linear e da não interferência do sujeito. Busca-se um conjunto de leis básicas e mínimas que governariam o universo. Estas leis seriam simples, livres de contradição e objetivas, ou seja, independentes do sujeito que as formula. Como são simples, um pressuposto dessas leis é a unicausalidade. Toda complexidade da realidade seria apenas aparente. Assim, o mundo passa a ser dividido em algo que se mostra (o fenômeno) e algo que está por trás, produz o fenômeno (as leis). Instaure-se um dualismo e o complexo é reduzido ao simples. Justifica-se a atomização dos saberes, pois quanto mais atômico (simples) é um conhecimento, mais próximo da verdade ele se encontra.

¹ *Feminino*, assim como *masculino*, são, para L. Boff, estruturas ontológicas do ser humano presente tanto nos homens quanto nas mulheres. Portanto, masculino e feminino não se referem a categorias de gênero da espécie humana, mas a categorias ontológicas. O masculino é aquela dimensão que tem como características o trabalho, a objetividade, a razão instrumental, o pensamento disjuntivo e compartimentador. O feminino é a dimensão do cuidado, da interioridade, do afeto e do pensamento relacional e de totalidade. Cf. BOFF, L e MURARO, R. *Feminino e Masculino. Uma nova consciência para o encontro das diferenças*. RJ: Sextante, 2000.

A ciência torna-se a única forma válida de conhecimento. O diálogo com o universo é experimental e possui duas dimensões: a compreensão e a modificação. Pela primeira, a ciência descobre, compreende como funciona a natureza. E, pela segunda, de posse dessa compreensão, a modifica através da técnica. Pela via experimental o ser humano passa a ter o conhecimento do funcionamento da natureza e com isso pode inventar técnicas capazes de dominá-la e colocá-la à sua disposição. De contemplador vira construtor e senhor da natureza. A razão-instrumental ascende à posição principal. O mundo agora é objeto de intervenção e construção, é apenas uma coisa, destituído de alteridade. Está a serviço da dominação humana.

Essa concepção forma uma imagem do ser humano e da natureza. Esta é vista como exterior e objeto de manipulação. E o ser humano é superior à natureza, toda ela está ordenada e submetida ao homem. A natureza seria somente um depósito de recursos à disposição das necessidades humanas. O antropocentrismo é a categoria que melhor expressa a nova situação. O homem é o centro do universo, em torno dele estão a natureza e os demais seres vivos. A cosmologia – imagem de mundo – que daí nasce é, portanto, de um universo máquina: determinado por leis básicas e compreensíveis ao ser humano. E no topo do universo se encontra o homem, senhor-dominador de tudo.

A ética engendrada por esse paradigma não pode ser outra a não ser uma que valorize a razão e a utilidade. Ético será aquilo que favorece o ser humano, o que lhe seja útil, mesmo isso significando a destruição da natureza. A razão é valorizada em detrimento das emoções, consideradas subjetivas e impossibilitadoras de uma universalidade necessária à formulação de um *ethos*. Com a razão teríamos um caminho seguro e objetivo na busca desse *ethos*, assim como a razão se mostrou propícia à constituição da ciência. O paradigma moderno dá origem a uma ética regida pela razão-instrumental, utilitária, uma razão baseada em meios-fins: quais os meios mais adequados para se atingir um determinado fim? Este fim é o ser humano, a satisfação de suas necessidades e de seus desejos. Historicamente, esse fim antropocêntrico foi interpretado androcentricamente², a mulher foi submetida e subjugada pelo homem. Tudo o que se referia à dimensão feminina como o cuidado, a natureza, as emoções, a

² “[...] este *antropocentrismo*, quando considerado historicamente, se desmascara como *androcentrismo*. É o varão e macho que se autoproclama senhor da natureza e não tanto a mulher. Esta é considerada por ele como parte da natureza que ele deve possuir com exclusividade, domesticar e submeter à sua lógica racional, objetiva e voluntarista. Por isso o varão centrado em sua masculinidade excludente tende a reprimir o que estiver ligado ao feminino nele e na mulher: a dimensão da espontaneidade da natureza, a emergência das energias vitais e livres, a sensibilidade, a lógica do coração e da ternura, a capacidade de

interioridade, foram excluídos, tidos como inapropriados para fundar e estabelecer um *ethos*.

O sentido orientador do paradigma ocidental-dominante é a conquista. O conhecimento é assumido como forma de intervenção e dominação da natureza, o que corresponde à imagem de mundo na qual o ser humano está fora, acima, tendo como função o domínio sobre o meio ambiente e os demais seres. O *ethos* vivenciado é pouco sensível à alteridade. Dessa forma, a natureza não passa de um depósito de recursos, algo a ser manipulado, e o diferente, aquilo que foge à razão instrumental-analítica, algo a ser incorporado à universalidade ou destruído. Não é sem razão que Bacon utiliza a figura do inquisidor como representativa da relação que o cientista deve ter para com a natureza. E nem de se estranhar ser o conquistador, o desbravador de novos mundos, o colonizador (como Cortés, por exemplo), o ícone ético-político que vigorou nos últimos quatro séculos da história ocidental.

Esse paradigma que coloca o ser humano *sobre* as coisas para dominá-las separou radicalmente ser humano e natureza e deu ênfase ao poder como dominação. Está enraizado num antropocentrismo (androcentrismo) absoluto, não confere alteridade à natureza e desvaloriza outras formas de se relacionar com ela e com os outros seres humanos que sejam diferentes daquela pautada pela racionalidade instrumental. Transforma o ser humano num ser unicamente de necessidades que devem ser satisfeitas utilizando-se o instrumental da racionalidade técnica, não importando o grau de devastação e de exploração a que possa levar seu desejo ilimitado. Essa idéia só persiste, pois se ancora na falsa crença de dois infinitos: do progresso e dos recursos naturais. A crise ecológica mostra a insustentabilidade dessas crenças. O progresso, na concepção moderna, entendido como crescimento ilimitado e linear, produziu degradação ambiental e subdesenvolvimento. A exploração da natureza nos fez ver que os recursos disponíveis são limitados e escassos. O patamar de desenvolvimento alcançado pelos países ricos não pode ser universalizado, a Terra não suportaria. Com isso a crise não diz respeito somente à preservação dos recursos, ela questiona a imagem de mundo e de ser humano sob a qual se assentou a cultura ocidental. E mais, indaga sobre o modo como habitamos a Terra e nos relacionamos entre nós (humanos), sobre o *ethos* e o sentido adotado em nossa vivência.

captar a mensagem das coisas e o *esprit de finesse* para as dimensões do mistério e do sagrado” (BOFF, 1999, p. 113).

O paradigma ocidental–dominante, como o caracterizamos acima, é colocado em xeque pela crise ecológica. De um paradigma redutor, disjuntivo, instrumental-analítico, pautado pela dominação e exploração, precisamos passar a um paradigma capaz de re-ligar os conhecimentos, de valorizar outras formas de relacionamento com a natureza e com o outro humano, de inserir o ser humano dentro da natureza, como parcela e parte singular, e de apresentar um novo *ethos* e sentido.

3. Quais as características do paradigma ecológico?

O paradigma ecológico emerge como contraponto ao paradigma moderno. Isso não significa a rejeição por completo do que foi produzido pelo paradigma anterior. “Essa mudança [paradigmática] precisa ser dialética, vale dizer, assumir tudo o que é assimilável e benéfico do paradigma da modernidade e inseri-lo dentro de outro diferente mais globalizante e benfazejo” (BOFF, 1999, p. 26). Por exemplo, critica-se a via experimental como única forma de diálogo com a natureza, mas não se lhe retira a validade. Ela passa a ser uma das formas de conhecimento ao lado de outras, como o senso comum, o saber popular, a religião, etc. Da mesma maneira, não é negada a dimensão desejante (de necessidade) do ser humano, somente se lhe tira o caráter absoluto. Nem se nega o poder, mas lhe são conferidos matizes outros além do poder-dominação. O sentido de complementariedade prevalece nesse novo paradigma, renuncia-se não àquilo que é abordado pelo paradigma moderno, porém ao monopólio de sua visão. Cumpre contextualizar o modo como a modernidade forjou sua visão de mundo, agiu com relação à natureza e aos seres humanos e conferiu sentido à sua forma de ser no mundo.

Para L. Boff, no paradigma ecológico é apresentada uma

“nova forma de dialogação com a totalidade dos seres e de suas relações [...], está se desenvolvendo uma nova sensibilização para com o planeta como um todo. Daqui surgem novos valores, novos sonhos, novos comportamentos, assumidos por um número cada vez mais crescente de pessoas e comunidades” (BOFF, 1999, p. 29-30).

Surge uma nova visão da Terra e do ser humano, o que inspira uma nova ética e aponta um sentido orientador diferente daquele da modernidade. Neste tópico exporemos em linhas gerais a nova visão trazida pelo novo paradigma.

As raízes históricas do paradigma ecológico encontram-se na crise do paradigma clássico na física, com o advento da física quântica, na nova biologia (Maturana), na química (Prigogine), no desenvolvimento da ecologia, na psicologia transpessoal, na

cosmologia contemporânea, no surgimento das Ciências da Terra e no processo crescente de globalização. Já enfatizamos anteriormente o sentido de ecologia adotado por Boff. Cabe aqui reiterar sua idéia-base: o inter-retro-relacionamento. A partir dessa idéia compreendemos como o paradigma ecológico tem como característica básica a re-licação. Compreender a inter-retro-relacionalidade que envolve a realidade nas suas dimensões físico-química, biológica, social e espiritual demanda um olhar capaz de re-lacionar e re-ligar os saberes. Contra um paradigma que separa, divide e reduz o conhecimento, é necessário outro que revele as interconexões, seja dinâmico e dê conta de trabalhar a complexidade da vida e da realidade.

Neste paradigma há a re-licação do ser humano com a natureza, a incorporação do feminino e uma nova aliança com a Terra. Como tudo o que existe está sob o arco do tempo e da evolução, não tem sentido o antropocentrismo. O ser humano irrompe no processo evolucionário quando 99,98% do planeta já existia. Assim, não é a Terra para o ser humano, mas este para a Terra. O humano é a Terra enquanto autoconsciência e liberdade. Isso o faz co-piloto da evolução. Por poder intervir sobre o curso evolutivo torna-se um ser *ético*. Ele pode trabalhar ajudando ou destruindo o planeta. É impróprio falar do ser humano *sobre* a Terra, ele é um ser *da, junto com* a Terra, possui com esta a mesma origem e destino comuns. Dessa forma, urge uma nova aliança com o planeta. Qualquer exploração irrefreada e agressão ao equilíbrio dinâmico que leve a uma desestruturação na rede de interconexões e ponha em risco a vida precisa ser condenada e evitada. Ao ideal de dominação e controle instituidores de sentido no projeto moderno contrapõe-se o diálogo e o cuidado para com o planeta e todos os seres, principalmente os mais ameaçados. Resgata-se, então, o feminino e o *pathos*, dimensões recalcadas por não se encaixarem na perspectiva intervencionista-manipuladora e racional-instrumental do ideário da modernidade. Sem nos alongarmos mais neste ponto, enumeramos a seguir dez conceitos que em seu conjunto esboçam o quadro geral do novo paradigma:

- 1) *Totalidade/diversidade*: a Terra e os seres humanos constituem totalidades orgânicas e dinâmicas. Uma totalidade feita de diversidades interligadas organicamente.
- 2) *Interdependência/re-licação/autonomia relativa*: todos os seres estão interligados, são mutuamente dependentes; um não vive sem o outro. Entretanto, cada um possui autonomia relativa e valor próprio.
- 3) *Relação/campos de força*: tudo vive em relação, fora da teia de relações não existe vida.

- 4) *Complexidade/interioridade*: tudo possui interioridade e quanto mais complexo um ser mais interioridade tem. “Tal dinamismo faz com que o universo possa ser visto como uma totalidade inteligente e auto-organizante” (BOFF, 1999, p. 60).
- 5) *Complementariedade/reciprocidade/caos*: o caótico compõe o universo, assim como a ordem. Ambas as dimensões são complementares e recíprocas.
- 6) *Seta do tempo/entropia*: cada ser possui uma história e tende a se desgastar. “A história universal cai sob a seta da termodinâmica do tempo, quer dizer, deve tomar em conta a entropia [perda de energia] ao lado da evolução temporal, nos sistemas fechados ou tomados em si mesmos” (ibid.. p. 61).
- 7) *Destino comum/pessoal*: todos os seres possuem um destino comum, o destino pessoal só é compreensível dentro daquele.
- 8) *Bem comum cósmico/bem comum particular*: “O bem comum particular emerge a partir da sintonia e sinergia com a dinâmica planetária e universal” (ibid. p. 61).
- 9) *Criatividade/destrutividade*: o ser humano, como o cosmos, pode criar ordens mais inclusivas ou fechar-se num exclusivismo e interesse próprio, sem levar em consideração o bem dos demais seres. Por ser ético, pode conscientemente reforçar as potencialidades latentes do sistema-Terra como também destruí-lo.
- 10) *Atitude holístico-ecológica/negação do antropocentrismo*: “a atitude de abertura e inclusão irrestrita propicia uma cosmovisão radicalmente ecológica (de pan-relacionalidade e re-ligação de tudo); ajuda a superar o histórico antropocentrismo e propicia sermos cada vez mais singulares e ao mesmo tempo solidários, complementares e criadores” (ibid. p. 62).

Apresentado sucintamente o paradigma ecológico e feita uma contraposição com o paradigma moderno, passemos agora à caracterização da ética que lhe corresponde.

4. Paradigma ecológico e ética

A ecologia dá corpo a uma ética enquanto indaga como cada saber, instituição ou poder ajuda a salvaguardar a natureza. Como os conhecimentos, as ações e o sentido de nosso ser no mundo se redefinem a partir da perspectiva ecológica (o equilíbrio dinâmico e criativo entre todos os seres)?

“Mais do que dispor da realidade ao seu bel prazer ou dominar dimensões da natureza o ser humano deve aprender o manejo ou o trato da natureza obedecendo a lógica da própria natureza ou, partindo do interior dela, potenciar o que já se encontra

seminalmente dentro dela. Sempre numa perspectiva de sua preservação e ulterior desenvolvimento” (BOFF, 1999, p. 19).

Ressaltemos que preservar e obedecer à lógica da natureza deve ser entendido no sentido cosmocêntrico, e não antropocêntrico. Ou seja, o ser humano faz parte da natureza e por isso está sob a mesma lógica que a rege, vale dizer, o inter-retro-relacionamento, a teia complexa de relações que mantém a vida. De tal perspectiva emerge a preocupação ética de responsabilidade pela conservação e perpetuação da comunidade de vida. A crítica ecológica transforma-se numa crítica radical ao tipo de civilização construído pela modernidade, uma crítica ao *ethos* de características antropocêntricas, racionalista-instrumentais e que “tem como eixo articulador não a vida, a sua grandiosidade, a sua defesa e a sua expansão, mas o próprio poder e os meios de mais poder que é dominação” (BOFF, 1999, p. 114)

A modernidade antropocentrada e dominadora produziu uma civilização contra a natureza, baseada na lei da competitividade. A nova concepção paradigmática mostra a relação e inter-ligação de tudo com tudo e enfatiza a inexistência de vida fora da relação: “a lei mais universal é a sinergia, a sintropia, o inter-retro-relacionamento, a colaboração, a solidariedade cósmica e a comunhão e fraternidade/sororidade universais” (BOFF, 1999, p. 43). Poderíamos dizer que a lei da competição, da disputa de forças em que o mais forte vence (Darwin) deve ser entendida dentro e não acima da cooperação entre os seres (BOFF, 2003a, p. 45). Se é assim, o novo *ethos* nascido do paradigma ecológico será bem diferente daquele da racionalidade meios-fins configurado pela razão-instrumental. Ele se assentará em outra forma de racionalidade e buscará dialogar com dimensões (recalcadas) outras do ser humano.

Porém, antes de explicitarmos a proposta ética de Leonardo, esclareçamos o que o autor entende por *ética* e *moral*. Tal distinção permitirá compreender o lugar da reflexão boffiana como crítica e procura por princípios comuns mínimos passíveis de consenso.

“Ética somente existe no singular, pois pertence à natureza humana, presente em cada pessoa, enquanto moral está sempre no plural, porque são distintas formas de expressão cultural da ética” (BOFF, 2003b, p. 28). Leonardo remonta ao sentido originário de *ethos* como morada, abrigo permanente. A morada seria o lugar que enraíza o ser humano na realidade, dá-lhe segurança e acolhimento. Como a morada humana não é dada de antemão, ela precisa ser construída (obra da cultura). O *ethos*, portanto, não é algo acabado, é algo a ser feito e refeito. A questão colocada pela ética

é: como construir a morada (casa) humana de maneira que possamos viver bem, sentirmo-nos acolhidos? “Ética tem a ver com fins fundamentais (como poder morar bem), com valores imprescindíveis (como defender a vida, especialmente a do indefeso), com princípios fundadores de ações (dar de comer a quem tem fome) etc.” (BOFF, 2003b, p. 28).

Se a ética se preocupa com o fim (morar bem), a moral será constituída pelos modos concretos através dos quais realizaremos esse fim. A moral, então, diz respeito aos hábitos, virtudes e estatutos jurídicos consagrados pela tradição cultural de um povo para a consecução da finalidade ética. “Moral (*mos – mores* em latim) significa, exatamente, os costumes e valores de uma determinada cultura. Como são muitos e próprios de cada cultura, tais valores e hábitos fundam várias morais” (BOFF, 2003b, p. 29).

Ética e moral se articulam intrinsecamente da seguinte maneira: a ética é a reflexão universal sobre o como fazer da morada humana um local bom para se viver, autônomo e habitável, e a moral, por sua vez, estabelece as regras para melhor realizar esse fim ético. A esfera da ética é a dos princípios condutores da ação e a esfera moral diz respeito aos modos concretos, condizentes com os princípios, que efetivam a ação. Segundo Leonardo:

“[...] a ética assume a moral, quer dizer, o sistema fechado de valores vigentes e de tradições comportamentais. Ela respeita o enraizamento necessário de cada ser humano na realização de sua vida, para que não fique dependurada das nuvens. Mas a ética introduz uma operação necessária: abre esse enraizamento. [...] A ética, portanto, desinstala a moral. Impede que ela se feche sobre si mesma. Obriga-a à constante renovação no sentido de garantir a habitabilidade e a sustentabilidade da moradia humana: pessoal, social e planetária” (BOFF, 1998, p. 93-4)

Estabelecida a distinção, analisemos a ética em Boff.

Leonardo Boff considera um estigma do nosso tempo a falta de cuidado para com o planeta, os seres humanos explorados e nós mesmos. Essa falta nos levou a inverter a lógica presente na natureza: passamos de uma ordem do cuidado, da solidariedade, essencial à manutenção da vida, como o demonstra o paradigma ecológico, para uma forma de ser no mundo orientada pela vontade de poder entendida como dominação. Regidos por essa lógica chegamos à crise ecológica, que envolve as crises ambiental, social, mental e espiritual (ver tópico 1). A seguir nesta linha, iremos

ao encontro do mesmo destino dos dinossauros. Pois estabelecemos como lógica primeira aquilo que na natureza é lógica segunda.

Ao olharmos a natureza deparamo-nos com uma totalidade dinâmica, uma convergência de crescimento e complexidade, uma adaptação e solidariedade entre os seres, a possibilidade de regeneração e utilização ótima dos recursos, e a manifestação do todo na parte e desta no todo. Essa percepção é inspiradora de um *ethos*, de valores.

Para Leonardo a solidariedade cósmica na construção do universo e da vida revela como a natureza é perpassada pelo cuidado na sua constituição. Cuidado, na esfera humana, que se faz perceber como condição necessária ao surgimento do próprio humano. Isso chama atenção para o mito do cuidado, quando enfatiza que o cuidado está na raiz fontal da constituição humana³.

O que significa propriamente *cuidado*? O cuidado para Boff é uma experiência-base da vida humana. Sem cuidado não é possível a existência.

“Cuidado é uma relação amorosa para com a realidade, com o objetivo de garantir-lhe a subsistência e criar-lhe espaço para seu desenvolvimento. Em tudo os humanos colocam e devem colocar cuidado: na vida, na natureza, na saúde, na pessoa amada, em quem sofre e na casa. Sem cuidado a vida perece” (BOFF, 2003b, p. 82).

Ora, se é assim, a primeira experiência humana não é de distância, nem regida prioritariamente pelo *logos*, mas é de proximidade e afeto (*pathos*). A nossa maneira de nos relacionarmos com o mundo e com os outros é construída originariamente por laços afetivos. A razão é posterior. Portanto, o acesso do ser humano à lógica da natureza se dá também pelo *pathos*, pela intuição, pelo cuidado. A via da razão instrumental-analítica é insuficiente para compreender a estrutura da natureza tal como apresentada pelo paradigma ecológico.

Nesta concepção, então, o *pathos* ressurge como dimensão fundamental e o cuidado como modo de ser propiciador da vida. O ser humano aparece como fundamentalmente um ser de cuidado. É sob o signo do cuidado que L. Boff definirá sua proposta ética.

Para Leonardo: “A ética do cuidado é seguramente a mais imperativa nos dias atuais, dado o nível de descuido e desleixo que paira como uma ameaça sobre a biosfera e o destino humano, objetos de crescentes alarmes dos grandes organismos ecológicos mundiais” (BOFF, 2003b, p. 82-83). Esta ética se desenvolve a partir do *pathos*, tomado

³ Cf. todo o livro de Boff *Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999 e *Ética e eco-espiritualidade* (2003a), especialmente as pp. 28-29.

como primordial no ser humano, e enriquecido pela tradição do *logos*. Quer dizer, há a conjugação da racionalidade simbólica e cordial com a racionalidade instrumental. Semelhante ao ocorrido no paradigma ecológico no qual um novo olhar redefine e ao mesmo tempo incorpora os avanços do paradigma ocidental-dominante.

A ética assim compreendida descobre o mundo como valor, portador de autonomia relativa e valor intrínseco. Essa constituiria a relação primordial do ser humano para com a natureza. E não como acontecia na ética utilitarista, ancorada no paradigma anterior, em que o mundo só possuía valor na sua funcionalidade a serviço dos interesses humanos e era objeto de posse.

Uma ética centrada no cuidado expressa reverência e respeito pela vida que se re-vela em cada ser e na Terra como organismo vivo (Gaia). Isso implica considerar as várias dimensões componentes do tecido complexo de relações sob o qual se sustenta e reproduz a vida, incluindo a vida humana. Logo, a ética do cuidado não se concentra somente nos aspectos ambientais, mas, sobretudo, considera as questões sociais, mentais e espirituais envolvidas, uma vez que elas constituem condições mantenedoras ou destruidoras da vida.

O cuidado funda a primeira atitude ética fundamental capaz de proteger a Terra, a vida, e garantir direitos dos seres humanos e das criaturas, a convivência e a solidariedade em com-paixão e amor. Nessa perspectiva a urgência é de cuidar dos seres mais ameaçados com a agressão promovida e justificada pelo paradigma e *ethos* da modernidade. Isso significa cuidar, primeiramente, da Terra como sistema vivo e complexo, base sem a qual qualquer outra mudança fica inviabilizada e, em seguida, do ser humano pobre, segundo Boff, o ser mais explorado pela lógica dominadora.

Leonardo Boff vê, pois, um entrelaçamento forte entre as temáticas ambiental e social. “A mesma lógica do sistema imperante de acumulação e de organização social que leva a explorar os trabalhadores leva também a depredar a natureza” (BOFF, 1999, p. 173). Há um progresso imenso e profundamente inumano e antiecológico. A expoliação da Terra e a produção da pobreza e miséria caminham juntas. À injustiça ecológica segue a injustiça social. Os relatórios do IPCC apontam justamente para tal situação. Apesar dos efeitos do aquecimento global serem sentidos por todos, tanto os países do Norte quanto os do Sul, no Sul a devastação ambiental e suas conseqüências socioeconômicas serão ainda piores. Os mais afetados serão os mais pobres.

A *ética do cuidado*, diz Boff, é expressa formalmente na *Carta da Terra*. A Carta foi um documento debatido em âmbito mundial desde 1997 e aprovado seu texto

final em 2000 e ratificado pela Unesco. Possui como eixo articulador a categoria de inter-retro-relação de tudo com tudo.

“Isso lhe permite sustentar o destino comum da Terra e da humanidade e reafirmar a convicção de que formamos uma grande comunidade terrenal e cósmica. As perspectivas desenvolvidas pelas ciências da terra, pela nova cosmologia, pela física quântica, pela biologia contemporânea e os pontos mais seguros do paradigma holístico da ecologia subjazem ao texto da *Carta*” (BOFF, 2003, p. 72).

Na *Carta* encontra-se articulada a interdependência entre o ambiental, o social, o mental e o espiritual, tal como no conceito de ecologia adotado por Boff. Transcrevemos os quatro eixos principais do documento para visualizar melhor a articulação acima apontada: 1) Respeitar e cuidar da comunidade de vida; 2) Integridade ecológica; 3) Justiça social e econômica; 4) Democracia, não-violência e paz. Os princípios visam debater a crise ecológica de forma holística e criar com isso uma nova mentalidade. A conclusão do texto o revela: “Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência em face da vida, por um compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, pela luta pela justiça e pela paz e pela alegre celebração da vida” (cf. BOFF, 2003a, p. 23).

A *Carta*, por partir de uma compreensão holística da realidade e por conter os princípios acima colocados, é um exemplo de orientação sob a égide do cuidado. Ela mostra as relações entre ser humano e natureza, as imbricações sociais e políticas dessa relação, concebe a Terra como totalidade dinâmica, tem consciência da gravidade da situação, supera o conceito falso de desenvolvimento sustentável pelo de sustentabilidade e lança luz para a criação de uma nova relação dos seres humanos entre si e com a Terra.

Portanto, a ética do cuidado é aquela própria ao paradigma ecológico. Comunga com este a mesma percepção da realidade e se encontra expresso no documento da *Carta da Terra*, que enfatiza uma nova consciência e um novo paradigma civilizatório.

Conclusão

Leonardo Boff é um pensador rico em idéias e de múltiplas influências. Prepondera em sua atividade intelectual a intenção prática. Em vários momentos, assinala a preocupação de que seus textos sejam inspiradores de uma nova postura

frente ao mundo⁴. Isso tem como consequência a opção por um estilo literário agradável, claro e inteligível ao grande público. Isso, algumas vezes, acaba prevalecendo sobre o rigor formal de uma estrutura conceitual. Daí a dificuldade às vezes encontrada por quem procura desvendar a arquitetura de seu pensamento. Dificuldade concernente à delimitação entre o conceitual e o recurso literário. Cientes dessa questão, procuramos apresentar neste texto o ordenamento lógico da argumentação boffiana.

Evidentemente críticas poderiam ser feitas ao diagnóstico da crise ecológica feita por Leonardo e à sua proposta ética. Entretanto, o objetivo deste estudo era apenas uma análise interna do pensamento do autor a partir de um ponto específico: a relação entre o paradigma ecológico e a ética.

Para tanto, inicialmente definimos o sentido dado por Boff à crise ecológica como crise de paradigmas, crise referente ao paradigma ocidental (moderno) de civilização.

Após, identificamos as principais características deste paradigma, a saber: uma lógica redutora, dicotômica e fragmentária, produtora de uma visão limitada do ser humano e de um *ethos* utilitarista guiado pela idéia de conquista e dominação da natureza e do diferente.

Posteriormente contrapusemos ao paradigma ocidental-dominante o paradigma ecológico. Neste último prevalece a idéia de inter-retro-relacionamento e re-ligação. O ser humano é visto como pertencente à natureza. Ele não está *acima*, mas *junto com* ela. Ambos participam de uma mesma origem e destino. A singularidade do humano está em ser consciente de sua posição como co-piloto no processo de evolução.

E diante dessa nova perspectiva apresentamos a proposta ética de L. Boff: a ética do cuidado. Expressa formalmente na *Carta da Terra*, resgata as dimensões do *pathos* e do cuidado, recalcadas pelo paradigma moderno. Enfatiza-se a relação entre ecologia ambiental e ecologia social, que, segundo Boff, é o *ethos* mais apropriado para a atual situação global de nossa história humana.

⁴ “Se estes textos ajudarem o leitor a mudar seu estado de consciência para que se afine com mais sutileza ao novo que virá, terão cumprido sua modesta missão” (BOFF, 2005, p. 7). Ou: “O objetivo maior é

BIBLIOGRAFIA:

- BOFF, Leonardo. *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*. SP: Ática, 1993.
- _____. *Nova Era: a civilização planetária*. SP: Ática, 1994.
- _____. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Dignitas Terrae: Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. SP: Ática, 1999.
- _____. *Saber Cuidar. Ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999a.
- _____. *Crise: oportunidade de crescimento*. Campinas, SP: Verus, 2002.
- _____. *Ética e Eco-espiritualidade*. Campinas, SP: Verus Editora, 2003a.
- _____. *Ethos Mundial. Um consenso mínimo entre os humanos*. RJ: Sextante, 2003b.
- _____. *Responder florindo*. RJ: Garamond, 2004.
- _____. *Ética e Moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2004a.
- _____. *Ética da Vida*. RJ: Sextante 2005.

colocar bem os termos da questão. E principalmente tornar consciente nosso lugar social, a partir do grande Sul, onde estão os excluídos e destituídos da história” (BOFF, 2003b, p. 9).